

A criança e as distrações

Percebo hoje nessas minhas andanças por cidades e escolas, um crescimento nas queixas de pais, professores e profissionais da saúde sobre crianças com problemas de atenção, foco e o objetivo de escrever esse texto foi propor uma reflexão sobre o tema.

A natureza humana é dotada de disposições e instintos úteis à sobrevivência. O sentido em que se deve tomar a expressão "sabedoria da natureza" está diretamente ligado a uma noção de natureza, ou de ordem natural. Uma vez que a natureza humana é considerada uma pequena parte da natureza em geral, é de se supor que esteja submetida às mesmas regularidades.

Hume possui uma abordagem da natureza humana, em que ela se constitui a partir do modo como se relaciona com outras formas existentes na natureza, com outros humanos em particular, mas em geral com todo o ambiente, não incluindo somente os seres vivos, mas o próprio meio e suas condições. Tal relação aparece na forma de uma correspondência, ou harmonia, entre o ambiente e o comportamento do indivíduo que o conhece.



Dessa forma, cabe um questionamento sobre o quanto e de que forma nós adultos e educadores estamos "inter-ferindo" no que deveria ser o natural, para assim avaliarmos as consequências no comportamento de nossas crianças de hoje. De acordo com o dicionário, interferir é: tomar parte (numa situação) com a intenção de influir no seu desenvolvimento e desfecho. Intervir, produzir interferência. No meu ponto de vista, essas interferências ao que seria (ou deveria ser) o natural começam cada vez mais cedo.

Mãe é uma profissão que se exerce por instinto. É o instinto que faz a mãe reconhecer o motivo de cada choro, de cada sorriso. É um sentimento partilhado, muitas vezes, sem que se diga uma palavra. Mas até a mais experiente das mulheres tem lá seus momentos de angústia. O que dizer então daquelas que estão tendo seu primeiro filho, ou então, por algum motivo, deram a luz a bebês que precisam de uma atenção especial. Dúvidas, medo e insegurança são sentimentos cada vez mais comuns nos dias de hoje, em um momento tão especial e, ao mesmo tempo, delicado.

Durante a gravidez, surgem muitas dúvidas sobre o tipo de mãe que seremos para os nossos filhos, se seremos capazes de atender convenientemente ao bebê, se estamos preparadas, se sabemos o suficiente do tema saúde e cuidados do bebê para que goze de todo o bem estar que necessita. E são essas inúmeras dúvidas e questionamentos que também geram as chamadas “interferências” e “distracões” ao que seria o natural, o instintivo.

O “breastcrawl” é o nome dado ao instinto natural do bebê de se arrastar até o seio materno e abocanhá-lo. Depois da respiração, é o primeiro instinto de sobrevivência de qualquer mamífero, que poderia (ou deveria) ser observado desde os primeiros minutos de vida do recém-nascido, mas que hoje pouco se conhece, visto a forma como acontecem os partos e a amamentação. Começam então as “interferências”, no parto, na amamentação, no contato, na conexão. O bebê chora (sim, porque é primeira forma de comunicação com o mundo) e compramos um livro ou fazemos um curso até mesmo antes dele nascer, para entendermos os tipos de choro. Depois, para “acalmar” o choro, oferecemos a ele um plástico para sugar. Normalmente os bebês choram por acolhimento, fome, cólica, estar sujo ou molhado, roupa desconfortável, sono, cansaço, frio ou calor e excesso de estímulos. Me parece um pouco estranho que um bebê que acabou de nascer chore porque quer sugar um plástico, porque isso não acontece com outros mamíferos (apesar de já ter visto fotos de chupetas para cachorros, inclusive com brilhos).



A minha percepção é que talvez o momento onde hoje ocorram a maior parte das interferências (em forma de palpites) seja ainda na gravidez. Os inúmeros questionamentos, palpites e comparações geram dúvidas, insegurança e a tão desastrosa “culpa”. Ainda arraigadas a “costumes” antigos, muitas culpas perseguem a mulher desde o momento da concepção até a “melhor” forma de ser mãe e educar os filhos. Ela culpa-se por não ter planejado a gravidez, por não conseguir dar ao filho que está a caminho tudo o que merece, por não ter tido um parto “perfeito” como o de suas amigas, por reclamar, no meio da noite, do choro do bebê e sonhar com os dias de “solteirice”... e por não reconhecer-se tão “perfeita” quanto a sua própria mãe. Mas a mulher que não nasce mãe, torna-se uma. Seja pelos laços criados no primeiro banho ou na primeira mamada, ou pelo contato diário, que aos poucos a faz reconhecer o motivo de cada choro, cada nova pinta ou “dobrinha” que aparece, uma mãe só se torna mãe depois que tem filhos. Não existe mãe de verdade ou mãe de primeira viagem. Todas estão embarcando em uma viagem única, cheia de desafios e com

muitas incertezas. Carregar a mulher com mais culpa é afastá-la de seu direito de tornar-se mãe e aproximá-la da insegurança e do medo.

Assim como andar e falar são “instintivos” ao ser humano, ser mãe é algo quase intuitivo, mas que deve ser aprendido, diariamente, um passo de cada vez. Novas interferências são geradas então com o “complemento”, ou leite artificial, a utilização de mamadeiras e os “bicos de silicone”, para facilitar a amamentação ou favorecer o ganho de peso.

Quando a criança cresce, começam as interferências em outro aspecto importante que seria instintivo que é o brincar. O brincar livre e as brincadeiras naturais, vem sendo substituídas cada vez mais pelos brinquedos prontos, eletrônicos, tvs e tablets, que assumem a função de “distrair” as crianças.



No dicionário, distrair significa: tornar desatento, fazer esquecer, desviar a atenção. Para facilitarmos a alimentação em meio a um tempo tão “corrido, oferecemos a comida em frente a tv, distraindo a criança do sabor e temperatura da comida, percepção do alimento (que já vem adoçado para distrairmos do real sabor, recheado de realçadores de sabor para distrairmos as pupilas gustativas) e até mesmo da sensação de saciedade. A criança come um pacote de bolachas ou mama 250 ml de leite sem “prestar atenção” na fome ou no que está ingerindo, mas sim no personagem dançando e cantando na tv ou nos comerciais de alimentos.

Segundo uma pesquisa da AVG Technologies, 57% das crianças de até 5 anos usam com facilidade aplicativos em smartphones, mas somente 14% sabem amarrar os sapatos. As crianças, hoje, têm acesso à tecnologia de várias formas. Elas brincam com o celular dos pais, muitas delas têm seu próprio tablet, elas ligam e desligam videogames sozinhas e usam computador com muita facilidade. Mas poucas reconhecem ou sabem as próprias sensações, como calor, frio e até mesmo a fome, porque estão sempre “distraindo” com relação a própria consciência corporal.

O mundo está cada vez mais rápido com toda essa tecnologia e as crianças estão o tempo todo fazendo alguma coisa. Elas não conseguem ficar sem fazer nada porque estão sempre sendo “distraindo” das sensações, emoções, dores, frustrações e da consciência do próprio corpo e

cada vez mais satisfeitas, em um período cada vez mais curto de tempo, em todas as suas vontades. Me lembro quando era pequena e viajava de carro com meus pais e passava muito tempo olhando a paisagem, pensando em nada ou pasmem, conversando durante a viagem. Hoje é quase impossível pensar em uma viagem, visita ao consultório médico, supermercado e restaurante com crianças, sem um recurso para “distrair” sua atenção (celulares e tablets). Com isso, ganhamos de um lado, mas perdemos o que considero fundamental na formação do indivíduo como: paciência, calma, concentração, foco e estimular a criatividade através do ócio. Se pararmos para pensar fica fácil perceber que essa nossa geração sofre por ter que esperar! Como é saudável e importante saber esperar. Como é saudável e importante não ter nada para fazer. Afinal, é no ócio que a criatividade aparece!

Sim, o ócio, o não fazer nada, ou não pensar em nada parece quase impossível no mundo de hoje, até para esses seres tão pequenos chamados de “crianças” (que vem do “criar”), onde o remédio para as cólicas vem antes do colo, para o refluxo, antes de nossa percepção se a criança mamou demais enquanto baixávamos um aplicativo para marcar o tempo de mamada em cada seio ou procurávamos respostas para tantas dúvidas nos grupos de mães do whatsapp ou no tão conhecido “Dr. Google”.

Nossas crianças estão sendo alfabetizadas cada vez mais cedo, aprendem as letras antes de aprender a descascar bananas, tem mais aulas de línguas na escola do que tempo de parque e brincadeiras. Estamos cada vez mais buscando respostas prontas e soluções mirabolantes (e rápidas) fora, em livros, cursos, internet, aplicativos e cada vez menos em nós, no saber natural, na natureza ou no instinto.



De um outro lado, estamos vivendo em uma sociedade de comparações, como se houvesse um padrão a ser seguido. A criança fora da curva é sempre vista com maus olhos, como se ela precisasse ser igual à todas as outras. O distraído que tem déficit de atenção, o hiperativo, o avoado, o que não consegue parar quieto, o lento que aprende devagar. Cada característica é rotulada como se a criança tivesse uma deficiência, sem perceber suas necessidades individuais em um processo que se torna extremamente desafiante para a criança, que é obrigada a se enquadrar em um padrão esperado.

Porque cada mãe, assim como cada maternidade e bebê são únicos e as comparações trazem mais dúvidas e inseguranças do que respostas nesse momento onde a tecnologia está a mil, em que tudo acontece muito rápido e o wi-fi conecta pessoas de todo o mundo, mas desconecta do mundo interior e particular de cada um. A geração atual de crianças está menos altruísta, deixando de desenvolver a empatia, instrumento fundamental para a construção de amizades e confiança.

Uma cena comum em recreio de colégios, restaurantes, e até em parques nos tempos atuais é a de várias pessoas em silêncio, sentadas uma ao lado da outra, sem qualquer interação, mexendo rapidamente os dedos diante de pequenas telas. Uma criança que não desenvolve a relação interpessoal pode tornar-se um indivíduo inseguro e despreparado para enfrentar pressões, provocações e situações adversas.

Não há como vetar a tecnologia ou querer que tudo volte como era antes. A tecnologia existe e pode ser benéfica caso seja bem usada e equilibrada. Repensar as causas das queixas crescentes sobre falta de foco, atenção e concentração em mundo com tantas distrações e interferências talvez seja positivo, no sentido de buscar soluções e não remédios, que atuam apenas nas consequências. Nos perguntar se realmente são as crianças que não sabem esperar? E como estamos nós, adultos? E o que podemos fazer?



*"Você tem o hardware, mas esqueceu o software.
Reconstruir sua técnica de corrida com os pés descalços pode levar tempo, especialmente se
você tiver feito uso de calçado amortecido toda a sua vida.
Mas é emocionante, alegre e provavelmente uma jornada de mudança de vida.*

Erika Pignataro Massaro

Coach, Consultora e Palestrante

www.erikamassaro.com.br

www.criaser.com.br

www.criansaude.com.br

www.amareamentar.com.br

(19) 99100-8904 Email: erikamassaro@gmail.com

skype: erika_pignataro_massaro

facebook: www.facebook.com/erika.avesani.pignataro

log: erikapignataro.blogspot.com